

CONSTRUÇÃO

Segundo Trimestre | 2021

OESTE

p.18

A identidade arquitetônica do Oeste paranaense

A arquitetura possui fortes conexões com os elementos que introduziram a colonização do Oeste do Paraná. Do início do século passado até os dias de hoje, há um traço marcante e único, estabelecido a partir das pranchetas de profissionais que moldam as nossas características construtivas e as tornam únicas. Ouvidos por Construção Oeste, arquitetos renomados tentam definir aquilo que convencionamos por personalidade arquitetônica regional.



DIRETORIA EXECUTIVA**PRESIDENTE**

Ricardo Lora

1º VICE-PRESIDENTE

Renato Pena Camargo

2º VICE-PRESIDENTE

Ricardo Parzianello

1º SECRETÁRIO

Vinicius Lorenzi

2º SECRETÁRIO

Sergio Casarotto

1ª TESOUREIRA

Renata Peres Krum

2º TESOUREIRO

Edson José de Vasconcelos

SUPLENTES

Jadir Saraiva de Rezende

Agnaldo Mantovani

João Luiz Félix Filho

Flavio Nabih Nastas

Marco Antonio Guilherme

Antonio Paulo Galvão Natucci

CONSELHO FISCAL**TITULARES**

Oscar Beck de Souza

José Luiz Parzianello

Sergio Astir Dillenburg

SUPLENTES

Ivete L. Dillenburg Giovanella

João Luiz Broch

Claudio Renato Moraes Bressan

CONSELHO DELIBERATIVO

Mario Cesar Costenaro

Ricardo Prestes Mion

Ronald Peixoto Drabik

Edson José de Vasconcelos

Edson Luiz Schmitz

Ricardo Parzianello

Renata Peres Krum

**DELEGADOS REPRESENTANTES
NA FIEP****TITULARES**

João Luiz Broch

José Luiz Parzianello

SUPLENTES

Edson José de Vasconcelos

Edson Luiz Schmitz

Palavra do Presidente	4
Indicadores	6
Agenda Sinduscon	7
Os efeitos da alta dos insumos nas empresas	8
Entrevista com José Antonio Fares	10
Saiba quem é João Francisco Ferreira - Novo Diretor-Geral da Itaipu	14
Entrevista com Marcos Kahtalian	16
Arquitetura da Região Oeste tem identidade própria e é referência	18
Riscos desprotegidos em canteiros de obras - Segurança no trabalho	22
A conquista da maturidade institucional - CPRT	24
Workshop sobre o BIM, revisão de normas e compras conjuntas - COMAT	26
À espera de novo texto da Resolução CGSIM nº 64 - CODESB	27
Workshop sobre financiamentos e mudanças nas leis sobre garagens - CII	28
Avançam negociações que buscam reequilíbrio econômico financeiro - COINFRA	30
"Está na hora de falar conosco" - CRS	32
Afastamento de gestantes - COMJUR	34
Nova Lei Geral do Licenciamento Ambiental - CMA	36

Projeto Gráfico: Elementar

Jornalista Responsável: Luciano Barros

Foto de capa: Julio Szymanski

Impressão: Gráfica Tuicial

Publicação:

Sindicato da Indústria da Construção Civil do Paraná Oeste
(Sinduscon Paraná Oeste)Avenida Assunção, 690 - Centro - CEP 85.805-030 - Cascavel - PR
(45) 3226 1749 / 98802 4736

www.sindusconparanaoeste.com.br

sinduscon@sindusconparanaoeste.com.br



ARQUITETURA DA REGIÃO OESTE TEM IDENTIDADE PRÓPRIA E É REFERÊNCIA

Última fronteira do Estado a ser colonizada, com ênfase a partir da segunda metade do século 20, o Oeste do Paraná, mesmo diante de tamanha jovialidade, possui elementos arquitetônicos que o diferem de outras regiões do Estado e do País. Segundo uma especialista no assunto, a arquiteta Solange Irene Smolarek Dias, neste processo de colonização, os que vieram de regiões específicas trouxeram seus respectivos valores. “Entre esses valores incluem-se hábitos de convívio familiar (suas casas), de convívio religioso e social (igrejas e centros comunitários, clubes), de convívio de trabalho (comércios, prestações de serviços, indústrias, etc)”.

Então, num primeiro momento, diz Solange, a identidade arquitetônica das cidades que compõe o Oeste do Paraná foi diversificada. Representou o estilo de vida trazida pelos colonos locais, sejam nos seus valores culturais, sejam na tecnologia de construção que dominavam e nas ferramentas que trouxeram, sejam nos materiais locais disponíveis (madeira, argila, pedra, etc). Então, até metade do século 20, cada cidade do Oeste do Paraná (Foz do Iguaçu, Guaíra, Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon e outras) não possuíam uma identidade arquitetônica regional e sim próprias e individuais.

A partir dos anos 1970, com o desenvolvimento da agricultura do Oeste do Paraná e, conseqüentemente, com a riqueza gerada pelo setor primário da economia regional, necessidades e oportunidades urbanas geraram acelerado crescimento econômico em alguns polos urbanos regionais: suas cidades. “Houve cidades que se destacaram em seu crescimento e, entre elas, podemos citar Foz do Iguaçu e Cascavel. Foz pela construção da Hidroelétrica de Itaipu e Cascavel como polo regional de agronegócio e de prestação de serviços”.

Para a continuidade do raciocínio, observa a arquiteta, faz-se importante duas considerações: a primeira é que a produção arquitetural de determinada sociedade é resultado, além das questões culturais, também do clima, da geografia, da riqueza material de seus moradores, da significância que determinadas obras possuem para quem delas usufruem ou são proprietários (igrejas, torres residenciais, centros

comerciais e empresas.

A segunda é que, em muitos casos, as cidades competem entre si em diversos segmentos (economia, desenvolvimento humano, cultura e renda) e que, nesse processo competitivo a arquitetura é, também, um elemento significativo no processo de competitividade entre cidades. “A partir das premissas iniciais e das posteriores considerações constata-se que, no Oeste do Paraná, no quaternário final do século 20, cidades destaques regionais apresentaram uma evolução surpreendente, tanto na arquitetura quanto no urbanismo local”.

No que diz respeito ao urbanismo, e promovido pela riqueza da região, planejamento urbano, infraestrutura e serviços públicos ressignificaram cidades, destacando-as no Estado do Paraná, no Brasil e no Cone Sul: em especial Foz do Iguaçu e Cascavel. Já no que diz respeito à arquitetura, materializaram-se, na maioria das cidades da região, novas obras, sempre ligadas aos padrões climáticos, culturais, estéticos e econômicos. “Muitas dessas novas obras foram desenvolvidas por arquitetos ligados a uma determinada corrente: a arquitetura modernista”, observa.

Solange explica que a arquitetura modernista, inspirada na região pela construção de Brasília e com o uso da nova estética do estilo: o concreto aparente, apresenta-se, especialmente em Cascavel, nas obras do professor arquiteto Gustavo Gama Monteiro e dos arquitetos que nessa cidade se estabeleceram (Nilson Gomes Vieira, Nelson Nabih Nastas, Victor Hugo Bertolucci, Luiz Círico, Nestor Dalmina, Anestor Tombini, entre tantos outros) e são destaque. “Então, sim, pode-se afirmar que, no último quaternário do século 20, em Cascavel, há uma arquitetura modernista que pode ser enquadrada como própria local. Como os arquitetos citados tiveram a oportunidade de projetar arquitetura em cidades da região, levaram sua linguagem e estilo, para as mesmas”.

E mais: no mesmo período, em Foz do Iguaçu, as grandes obras arquiteturais, em especial as ligadas ao turismo (hotéis, restaurantes, comércio, casas de show, etc), possuem uma linguagem própria e distinta da de Cascavel, não só pela diferença de clima, mas, também, pela ampla utilização de materiais que remetem ao imaginário ligado à paisagem, geografia, cultura da tríplice fronteira, natureza: então, nesse último quaternário do século XX, em Foz do Iguaçu, efetivamente é produzida uma arquitetura própria local, distinta da modernista de Cascavel.



SÉCULO 21

Neste início do século 21, houve uma significativa evolução nas cidades polos regionais e expressão da arquitetura no desenvolvimento dessas cidades. “Essa evolução muito tem a ver com a presença do Sinduscon Paraná Oeste, que aprimorou técnicas construtivas ligadas à verticalização, sustentabilidade, qualidade do bem viver, bem trabalhar e bem recrear-se”, declara Solange.

Segundo ela, a riqueza regional do Oeste do Paraná oportunizou que empresas ligadas à indústria da construção civil regional ganhassem escala nacional e que empresas nacionais do Oeste do Paraná se estabelecessem. Com a expressiva e destacada economia do Oeste do Paraná, aliada ao crescimento econômico brasileiro da primeira década do século 21, a expressão arquitetural regional, nas suas cidades de destaque, mais as aproximaram da linguagem arquitetural global. “Essa linguagem global mais fica evidenciada pela realização de eventos internacionais (Copa do Mundo em 2014, Olimpíadas no Rio em 2016 e outros) atraindo arquitetura de qualidade para população globalizada, o que a distância das práticas locais do último quaternário do século 20”, orienta.

COMO SERÁ O PRÓXIMO CICLO ARQUITETURAL?

“Sem dúvidas, a Pandemia mudou estilos de vida e padrões. É o momento em que reflexões estão sendo realizadas. Mas, em minha opinião, essas reflexões, pela identidade apreendida do povo do Oeste do Paraná, pela excelência dos profissionais ligados aos objetos e execuções de obras arquiteturas, pelas Instituições de Ensino Superior regionais e já estão gerando profissionais de destaque na produção arquitetural, no urbanismo, na engenharia civil, tem tudo para gerar um novo ciclo arquitetural de destaque. Se esse novo ciclo gerará estilos próprios locais, ou se adotará a linguagem global? Em 2050 poderemos ponderar a essa indagação”, finaliza Solange.

A IDENTIDADE ESTÁ SE ACABANDO

“Identidade arquitetônica é um termo bastante amplo e pode ser visto sob várias perspectivas. Pode ser a identidade arquitetônica de um profissional, de um tipo ou de uma geração de arquitetos, ou mesmo de uma região ou de período tempo.

A identidade arquitetônica é um grupo de características que individualizam um grupo de obras, de pessoas ou de ideias. No caso da região Oeste, fora do período de colonização, quando todas as obras eram executadas de forma semelhante com materiais locais e utilização das araucárias desmatadas das florestas, não consigo mais hoje identificá-la, pois temos uma diversidade gigantesca de sistemas construtivos, de estilos arquitetônicos, de profissionais e de culturas.

Está tudo muito miscigenado na nossa região. Temos uma história muito curta, com influência muito grande da migração e da própria diversidade característica de uma região de fronteira. A região de Foz do Iguaçu, por exemplo, que faz divisa com o Paraguai e com a Argentina, tem grande influência da colonização árabe, o que não existe em Cascavel e nem em Toledo.

Fora isso, tem a questão da globalização: temos acesso, em tempo real, a tudo que é feito no mundo inteiro. Por isso, as pessoas optam por seguir uma linha, uma linguagem e um estilo, o que cria uma diversidade muito grande, e assim perde-se a identidade.

É mais fácil identificar a identidade de um profissional que se destaca na sua vida do que identificar a identidade cultural, geográfica e histórica da nossa região.

Em Cascavel, é possível verificar várias casas no centro, de madeira, mais antigas, sendo vendidas, pois as pessoas mais velhas que moravam nela estão falecendo. São imóveis que não são confortáveis, porém muito bem localizados, e cujo valor do imóvel, em si, praticamente não tem relevância: o que vale é o terreno. É uma característica muito forte, que acho ser a única coisa que identifica a nossa região e que está se acabando com o passar do tempo.”





A ARQUITETURA NO OESTE PARANAENSE: BREVES REFLEXÕES

“Em 1974, caminhando pelas ruas enlameadas de uma Matelândia ainda nova, eu também uma criança, já percebia a diferença das ruas largas do Oeste comparadas com aquelas conhecidas no Norte do Paraná, mais estreitas. Também observava casas de madeira, as daqui, em grande número, com porão, o que não se via mais por lá.

Lembro-me da igreja de Jandaia do Sul, tradicional, com uma torre, e não esqueço da surpresa com a igreja da minha nova cidade, à época, com formato diferente, toda branca. À medida que fui crescendo, conheci novas cidades, e não tenho como deixar de destacar a atração percebida pela igreja de Cascavel. No curso de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, conheço a laje plissada que dá forma a essa igreja, e mais, descubro seu autor, Gustavo Gama, também meu professor, que aliás foi responsável não só pela Av. Brasil como por diversos projetos modernistas da cidade.

As igrejas, em nossa região, potencializam-se como pontos de referência por sua arquitetura. É o que percebi de maneira mais clara, quando retornei ao Oeste, após o teto, chegando em Toledo em dezembro de 1986. A Catedral Cristo Rei com seus vitrais e concreto destaca-se na paisagem, ainda que se perceba um certo saudade por parte dos pioneiros em relação à igreja antiga, tradicional. O autor da nova igreja é gaúcho e adotou uma linguagem que também se repetiu na nova igreja de Matelândia, cuja perspectiva desenhei a lápis, e depois nanquim, ainda estudante em Curitiba, para ser o cartão postal da festa de lançamento das obras da igreja.

Naqueles anos, observamos alguns insights com obras de caráter mais modernas, senão em toda sua compreensão, mas com importantes exercícios, notando também, a forte influência da colonização europeia na região, mais precisamente dos italianos e alemães, e principalmente na arquitetura residencial, com o apreço por uma estética ligada a aquelas culturas. Em Toledo, por exemplo, nos anos 90, essa arquitetura assumiu grande destaque, com uso de jogos de telhados mais inclinados, do bay window, das mansardas, e também do tijolo aparente. Em Marechal Cândido Rondon houve incentivos para as construções que utilizassem, ou pelo menos lembrassem, a técnica enxaimel, o que levou a uma caracterização e referência da cultura germânica predominante na cidade.

Talvez com a convergência da criação dos cursos de Arquitetura na região com a evolução dinâmica do acesso às informações pelas redes sociais, observamos a adoção de novas linguagens com estética mais contemporânea. A composição de formas volumétricas, o quase banimento do telhado aparente, proliferam em nossas residências. As formas, que há cerca de trinta ou vinte anos tinham uma certa rejeição ao serem confundidas com arquitetura comercial ou com clínicas, passam, agora, a ser objeto de consumo. A recente verticalização, a industrialização, o desenvolvimento dos setores de serviços e comércio, também tem nos aproximado de técnicas construtivas até pouco tempo não tão utilizadas, como o concreto protendido, o steel frame, a evolução dos pré-fabricados, entre outros. Os novos sistemas têm exigido também maior pesquisa por parte dos arquitetos e projetistas, desde a criação até a compatibilização das diversas engenharias solicitadas numa edificação.

Por outro lado, também somos afetados por uma certa ordem mundial, com a adoção de formas ou elementos com a pretensão do “espetáculo”, ou ainda com o retorno a linguagens de épocas passadas como o “neoclássico”. Outros temas como sustentabilidade ou a automação, assumem, por vezes, caráter midiático com ênfase no uso de elementos ou inovações tecnológicas, em muitos casos, discutíveis, relegando a essência da arquitetura a um segundo plano, onde, por exemplo, uma má orientação implicaria em menores investimentos e melhores resultados.

Que esse tom um tanto crítico não seja compreendido de forma generalizada. Temos bons exemplos de boa arquitetura no Oeste Paranaense. Nossas cidades são bonitas, em sua grande maioria com preocupações importantes no seu planejamento. Mas talvez seja oportuno que revisemos nossa produção. Ainda importamos conceitos e soluções refratários às nossas culturas e nossas necessidades. É necessário mais empenho na construção de uma identidade local. O Zeitgeist e o Genius Loci precisam ser resgatados. Acredito que essa seja uma importante reflexão. Acredito ser esse um bom caminho para nossa arquitetura e para as nossas cidades.”

UM PERFIL QUE AINDA ESTÁ A SER CONSOLIDADO

“Nos anos 60 e 70 encerra-se um ciclo de ocupação da região Oeste do Paraná, e é justamente quando começam chegar os imigrantes do sul do país, e inicia-se um processo de modernização da agricultura, estabelecendo uma nova fase de crescimento à região. A transformação ocorrida foi enorme, gerando a necessidade de reestruturação das áreas, e por consequência, promovendo um grande fluxo de migração para os grandes centros urbanos.

A retomada do crescimento urbano na região Oeste ocorre a partir dos anos 80, através do fortalecimento das indústrias e também da tecnologia aplicada à agricultura, que é até os dias atuais um grande fator de impulsionamento da economia e gerador de crescimento das áreas urbanas e consequentemente fator de diminuição da população rural. Foi na década de 80 que a população rural passou a ser menor que a urbana, em nossa região.

Os arquitetos atuantes na região Oeste do Paraná, em sua maioria, se formaram na UFPR, que trazia consigo professores arquitetos influenciados pela escola paulista brutalista dos anos 60 (braço do modernismo), e que acabaram por difundir essa linha arquitetônica aos arquitetos paranaenses, que não só aprenderam, como também desenvolveram uma linguagem arquitetônica um pouco diferente da paulista, sendo muito bem aceita pelos paranaenses.

Com a chegada dos cursos de arquitetura à região Oeste, a partir da década de 2000, o número de profissionais lançados ao mercado passa a popularizar a arquitetura e com isso, ocorre um processo de descaracterização da linguagem arquitetônica, que vinha sendo aos poucos construída, gerada principalmente pelo grande número de pessoas que migraram para esta região e que impuseram aos profissionais, estes famintos pela abertura de mercado, seus gostos e desejos dos mais variados tipos de estilos arquitetônicos.

E agora, após 15 ou 20 anos das primeiras turmas de arquitetura da região, observa-se uma retomada deste processo de identidade arquitetônica, através da maturidade dos profissionais que no mercado atuam, gerando assim uma promissora visão de futuro para a nossa paisagem arquitetônica.”

Leandro Costa - Arquiteto e Urbanista

COERÊNCIA E COMPROMETIMENTO

“Nunca parei para analisar nossa arquitetura por esse ângulo! Creio não haver alguma característica própria de nossa cidade! Não temos um patrimônio arquitetônico significativo! Penso que nossos arquitetos e arquitetas têm manifestado a arquitetura em sintonia com nosso tempo, onde as influências que nos chegam são rapidamente assimiladas. Tanto nos materiais, técnicas construtivas e plasticidade! Percebe-se poucas obras que não estão em sintonia com nosso tempo, assim, a grande maioria expressa coerência e comprometimento com a atualidade!”

Anestor Tombini - Arquiteto e Urbanista

**Estamos
com você na
construção de
grandes
empreendimentos.**

qualidade e durabilidade
e uniformes que garantem
maior conforto e proteção
para o seu dia a dia.




Gulgielmin
UNIFORMES

(45) 3099 4390



Rua Vitória, 2296,
Neva - Cascavel/PR

www.gulgielmin.com.br

  [gulgielminuniformes](#)